



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A TEOLOGIA E O SOFRIMENTO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO: PISTAS PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL¹

*Theology and suffering in the post-modern context:
Some clues to pastoral counseling*

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade²

Resumo: O problema do sofrimento humano representou um grande desafio para o pensamento bíblico. No Antigo Testamento, foi o movimento sapiencial que, de modo privilegiado, debruçou-se sobre essa questão. No Novo Testamento, os seguidores de Cristo trataram de enfrentar teologicamente o problema da cruz e do martírio. Na atualidade, a prática do aconselhamento pastoral tem como desafio ajudar pessoas a encontrarem um sentido para viver e para continuar crendo, mesmo quando a vida parece não ter qualquer sentido e a dúvida se sobrepõe à fé. Neste artigo, partindo dos dados bíblicos e da teologia prática, sugerimos algumas pistas para o aconselhamento pastoral a pessoas em sofrimento inevitável.

Palavras-chave: Aconselhamento. Sofrimento. Jó. Filipenses. *Kénosis*.

Abstract: Human suffering has been a great challenge to the biblical thinking. In the Old Testament, the Sapiential movement, in a privileged way, has faced that question. In the New Testament, the followers of Christ theologically explained the problem of the cross and martyrdom. Currently, the practice of pastoral counseling is challenged to help people to find a sense to live and continue to believe, even when life seems to have no sense and the doubt overlaps the faith. In this article, based on the biblical data and on the practical theology, we suggest some clues to pastoral counseling to people in inevitable suffering.

Keywords: Pastoral counseling. Suffering. Book of Job. Epistle of Philippians. Kenosis.

A pós-modernidade tem se caracterizado pela efemeridade e fugacidade das experiências existenciais. No entanto, muitas pessoas vivenciam experiências duradouras de sofrimentos inevitáveis e de vazio de sentido na vida. Cresce

¹ O artigo foi recebido em 31 de agosto de 2016 e aprovado em 23 de setembro de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife/PE, Brasil. Contato: aylanj@gmail.com

assustadoramente o número de casais que têm seus filhos jovens mortos pela ação da violência, do uso do álcool e das drogas ou de uma doença incurável. Isso significa que, apesar dos avanços das ciências e do progresso atingidos pela sociedade, o ser humano pós-moderno não deixou de experimentar os mais diversos tipos de sofrimento, ao contrário, novas formas de sofrimento estão sendo vivenciadas em nossa época, para as quais as ciências não encontram soluções.

A era das novas tecnologias e dos avanços científicos em todas as áreas do conhecimento enfrenta o dilema paradoxal do empobrecimento das relações, da experiência do vazio existencial, da busca pelo suicídio e, ao mesmo tempo, de uma volta ao sagrado desvinculado das instituições religiosas. Cada vez mais as pessoas se fecham e se isolam em relações virtuais nas redes sociais. Com maior frequência, são absorvidas pelas múltiplas possibilidades de respostas rápidas.

A ideologia pós-moderna tenta mascarar todas as experiências existenciais como fugazes e efêmeras, no entanto o problema do sofrimento humano não é vivenciado como emoção passageira e superficial. Diante dos desafios impostos pelo processo da globalização cultural e da velocidade tecnológica do mundo virtual, o problema do sofrimento inevitável é uma demanda que exige uma atitude de clareza e de discernimento, válida para as pessoas de todos os segmentos culturais e religiosos da sociedade atual.

Cabe àqueles que exercem o pastoreio nas igrejas ou às pessoas que tenham alguma função de aconselhar grupos, indivíduos ou famílias a difícil tarefa de mostrar para quem vivencia um sofrimento inevitável que, mesmo não sendo possível encontrar uma solução para suas dores, a vida e a fé merecem uma chance, pois, apesar de tudo, ainda há um sentido que transcende a experiência humana em sua totalidade. Tem aumentado o número de pessoas que buscam as igrejas para um aconselhamento pastoral. Isso significa um movimento na contramão do que ocorreu no início do século XX, quando as pessoas passaram a recorrer às clínicas em busca de terapias para conseguir uma solução para seus sofrimentos, culpas e frustrações. Apesar de se reconhecer o valor das terapias psicológicas, a teologia prática admite que uma assistência pastoral deva ser providenciada, no âmbito das igrejas, às vítimas de tragédias existenciais, que se destine, principalmente, a ajudar pessoas portadoras de sofrimento inevitável a suportar suas mazelas. Essa assistência pastoral, entretanto, não implica uma espécie de rivalidade entre as funções de pastor/a e de terapeuta. O aconselhamento pastoral, por sua função específica, pode, em determinados casos e em condições bem precisas, ser ajudado, mas nunca substituído por formas de análise ou de ajuda psicológica.

O aconselhamento pastoral tem como função específica auxiliar as pessoas na intensificação de suas relações com Deus. Quando o aconselhamento pastoral visa ajudar a pessoa que sofre, trata-se de levá-la a descobrir que, mesmo quando todo o sofrimento, todas as lutas, todos os problemas parecem não ter qualquer sentido,

ainda assim há um sentido perante o qual até mesmo a mais absurda tragédia humana se torna compreensível.³

A teologia entra nesse cenário como reflexão dos fundamentos e do exercício do aconselhamento pastoral, no contexto enigmático da pós-modernidade, acreditando que o sentido último da vida humana se encontra na relação que o “Eu” estabelece com o “Tu” (Deus). Tal relação, em última instância, possibilita que o aconselhamento pastoral apresente a “vida plena” (Jo 10.10)⁴ apesar de todo sofrimento. Vida que, acima de tudo, somente é plena quando é cheia de sentido, apesar de todo sofrimento.

Portanto a teologia só poderá oferecer uma reflexão consistente para a prática do aconselhamento pastoral se estiver voltada para os fundamentos de si mesma, a saber, de uma leitura acurada das sagradas Escrituras, onde se mostra, de modo privilegiado, a relação entre Deus e o ser humano. E se quiser fazer sentido para os sofredores de hoje, a reflexão teológica deve ter, igualmente, um olhar atento direcionado ao contexto atual.

Recorrendo ao movimento sapiencial do Antigo Testamento

O conjunto dos livros que sistematizam a sabedoria de Israel constantemente se detém nas questões da vida prática, as quais poderiam desviar a humanidade do “temor do Senhor”, ou seja, da reverência a Deus, fundamento de toda a sabedoria no sentido bíblico (Pv 1.7; 9.10; Sl 111.10). Dentre essas questões, o livro de Jó enfoca o sofrimento não de forma abstrata, e sim dentro do horizonte das situações-limite do ser humano. O autor bíblico, em vez de fazer especulações sobre o sofrimento em geral, o considera a partir de um exemplo bem significativo, o sofredor Jó, figura da dor do gênero humano. Jó é um homem que renuncia a pôr sua confiança nos bens terrenos, que confessa sua própria miséria (Jó 1.21); sofre inocentemente a incompreensão dos amigos e da esposa (Jó 2.9), mas segue sempre à espera do Senhor, apesar do sofrimento.

O atual modo de compreender o sofrimento pode ser avaliado e corrigido por uma leitura atenta do livro de Jó. No início do livro, apresenta-se-nos um homem justo com o qual acontecem os diversos tipos de eventos que, conforme aquela época, podiam trazer sofrimentos para as pessoas (1.13-19; 2.7-10). Após um breve relato em forma de crônica nos dois primeiros capítulos, o livro alterna para uma longa parte poética (3.1-42.6), na qual os *amigos de Jó* se pronunciam a respeito do sofrimento do protagonista. Os *amigos*, em três ciclos de discursos, pronunciam suas considerações teológicas sobre o sofrimento de Jó, fundamentando seus discursos em um esquema teológico ao qual pretendem submeter até mesmo Deus. A teologia dos *amigos de Jó* parte de um princípio hermenêutico regido pela bipolaridade justiça-bênção e

³ Cf. FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 161.

⁴ *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Doravante será citado apenas o livro bíblico com o capítulo e o versículo.

injustiça-castigo. Isso se constitui como uma chave de leitura bem limitada a respeito da realidade e tem por fundamento uma visão mecanicista da vida e da relação entre Deus e o ser humano. Supõe-se que as ações humanas desencadeariam uma reação de Deus para a felicidade ou para a infelicidade. O futuro do ser humano dependeria da submissão a essa ordem da qual nem Deus poderia fugir.⁵ Esse tipo de cosmovisão não deixa espaço para as liberdades nem humana nem divina.

O protagonista Jó dá voz a todo sofredor e põe em xeque a forma como *seus amigos* entendem o sofrimento, pois a teologia deles não dá conta dos diversos aspectos da realidade nem cede lugar à gratuidade de Deus. Os discursos do personagem Jó têm por objetivo questionar os pressupostos das escolas sapienciais daquela época com relação à questão do sofrimento humano.⁶ Os versículos finais do livro de Jó (42.10-16) são considerados um acréscimo⁷ por boa parte dos biblistas e destoam visivelmente do texto poético. É extremamente grosseira para a experiência da paternidade e da maternidade a linguagem materialista segundo a qual o nascimento de um número dobrado de filhos pagaria com juros a falta dos filhos que morreram, como se a perda de um filho fosse apenas um prejuízo, como perder camelos e rebanhos.

O autor bíblico não tem como propósito nos dar a causa ou a resposta para o sofrimento, pois seu livro termina com o protagonista humildemente admitindo seu pouco conhecimento sobre Deus e que a experiência pessoal foi mais importante para seu amadurecimento na fé que a obtenção das respostas que ele exigia (Jó 42.3-5).

A atualidade do livro de Jó está, principalmente, em nos orientar em algumas questões: Qual deve ser o papel de quem ministra o aconselhamento pastoral a quem está vivenciando sofrimento intenso e inevitável e quando a fatalidade parece se impor sobre a fé? Como se deve falar sobre o Deus da vida para quem tem uma doença incurável e para os pais que perderam crianças ou jovens vítimas dessas enfermidades ou da violência ou das drogas?

Aprendendo com o Novo Testamento

O Antigo Testamento mostra-nos a diferença da religião de Israel em relação às demais experiências religiosas nas civilizações circunvizinhas. Essa diferença consiste primeiramente em saber que Deus toma a iniciativa, vem ao encontro do ser humano. O Novo Testamento mostra quão profundamente o Deus de Israel ama o ser humano a ponto de estar disposto até mesmo que seu Filho sofra a morte de cruz para que a humanidade possa ter a vida em plenitude (cf. Jo 10.10).

A morte de Jesus na cruz foi o grande desafio teológico para os escritores do Novo Testamento. Paulo e os evangelistas tiveram que elaborar uma teologia capaz

⁵ Cf. ROSSI, Luiz A. Solano. *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*. São Paulo: Paulus, 2005.

⁶ Cf. PIXLEY, J. Jó ou o diálogo sobre a razão teológica. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 16, n. 40, p. 333-343, 1984.

⁷ Cf. GUTIERREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 23.

de mostrar como o messias glorioso, esperado pelos judeus, pode sofrer uma morte na cruz sem que houvesse contradição com as Escrituras que declaravam ser isso uma maldição (Dt 21.23). A teologia paulina encontrou no verbo grego *kenóo* (Fl 2.7), que significa “privar-se de poder” ou “abdicar do que possui”, “esvaziar”⁸, uma definição da totalidade da vida de Jesus. O Filho de Deus renunciou aos privilégios da condição divina ao entrar nas esferas da história e da criação, assumindo todas as limitações desses âmbitos, até as últimas consequências, inclusive a morte terrível na cruz.

O hino cristológico de Fl 2.6-11, conhecido como hino da *Kénosis*, descreve a vida de Jesus, a qual se identifica como uma vida descentrada de si, como um modo de ser a serviço do outro e em obediência total à vontade de Deus. Cristo esvaziou-se; sendo de condição divina, renunciou aos privilégios dessa condição e assumiu uma existência humana como servo, morrendo na cruz. Por isso Deus o exaltou acima de tudo e todos para que ele reine sobre todas as realidades.

Jesus viveu a vida humana, esvaziando-se, renunciando totalmente a qualquer interesse pessoal. A *kénosis* não é um aspecto pontual, uma etapa passageira na vida de Jesus, que se identifica apenas com sua paixão e morte. Ao contrário, a *kénosis* é um modo de ser, é algo que afeta a totalidade da existência de Jesus.

Após a ressurreição, o *kenótico* nos foi revelado como exaltado. Portanto não podemos separar o *kenótico* do ressuscitado. Com a ressurreição, revela-se uma condição divina que a condição humana de servo não deixava transparecer. Sendo a *kénosis* não apenas um aspecto, mas a totalidade da vida de Jesus, ela se torna o paradigma para a práxis cristã e o critério para a reflexão teológica. Os cristãos devem ter o mesmo modo de viver do Cristo (Fl 2.5), pois a eles foi dada a graça de sofrer com Cristo, de carregar a cruz e de ser associados ao ressuscitado em sua glória.

Por causa da comunhão indissolúvel entre Jesus e o Pai é que a *kénosis* diz algo a respeito de Deus em si mesmo como amor, como descentramento de si em direção ao outro. A *kénosis* revela a verdadeira intimidade do ser de Deus, uma comunidade de amor.⁹ A *kénosis* de Jesus torna acessível o mistério antes escondido em Deus. Assim, por meio da vida *kenótica* de Jesus se revela que o esvaziamento tem suas raízes no Pai que se doa ao Filho e no Filho que se entrega sem reservas nas mãos do Pai. A *kénosis* não é apenas uma maneira de ser humano, mas a maneira de ser de Deus.¹⁰ Dessa forma, o conceito de Deus torna-se inseparável da realidade *kenótica*, o que significa um duro golpe na maioria de nossas concepções religiosas.

A *kénosis* realiza um caminho inverso ao do primeiro Adão, o qual tentou usurpar os privilégios divinos, exaltando a si mesmo na ambição de ser igual a Deus. Cristo, ao contrário de Adão, não se apegou aos privilégios de sua divindade, que lhe pertencia por natureza e direito, mas renunciou a esses para redimir o ser humano do

⁸ Cf. LATTKE, Michael. Κενώω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 2005. Tomo I, c. 2.295-2.297.

⁹ Cf. XAVIER, Donizete J. *A teologia da Santíssima Trindade: a kénosis das Pessoas Divinas como manifestação do Amor e da Misericórdia*. São Paulo: Palavra e Prece, 2005. p. 90.

¹⁰ Cf. OSORIO HERRERA, Bayron L. *Kénosis y Donación: la Kénosis como atributo divino. Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 41, n. 96, p. 347-376, 2014.

pecado. O esvaziamento de Cristo encontra sua expressão máxima na humilhação da crucificação. Mas é justamente a condição de crucificado que lhe dá o direito de triunfar sobre a morte. E com a ascensão Cristo torna-se o cabeça de tudo que existe e seu nome é exaltado em poder, perante o qual todo joelho se dobra e toda língua confessa seu senhorio (Fl 2.10). Em sua ascensão Cristo eleva a dignidade humana ao mais alto nível (Ef 1.3). A exaltação do Cristo é a resposta do Pai a todas as vítimas, a todos os mártires, a todo sofrimento e lágrima derramada. A morte, o pecado e a dor não têm a última palavra na vida humana. A última palavra é de Deus, que dignifica a humanidade através de Cristo.¹¹

Relendo a patrística

Durante séculos a teologia deu muito enfoque à *apatheia* de Deus. Embora Clemente de Alexandria e Gregório de Nissa tenham se dedicado a esse tema, a patrística não teve a intenção de negar a compaixão divina pelo sofrimento humano.¹² Quando a patrística mencionava a *apatheia* de Deus, aqueles teólogos dos primórdios do cristianismo estavam empenhados em confrontar o antropomorfismo das mitologias pagãs e implantar, na mentalidade cristã em vigor, que Deus não passa da potência ao ato, ou seja, que em Deus não há progresso, desenvolvimento. Entretanto, essa imutabilidade de Deus não significa que ele seja indiferente aos sofrimentos humanos.

Em seu comentário ao Salmo 54 (da versão latina, equivalente ao Salmo 55 da edição hebraica), Santo Agostinho afirma que a “sã reação do sofrimento está mais próxima da imortalidade do que o embotamento de um sujeito insensível”¹³. A piedade cristã descarta a ideia de uma divindade indiferente às vicissitudes de sua criatura. A compaixão, que é uma perfeição das mais nobres no ser humano, deve existir em Deus. A compaixão não é uma falha de poder, nada impede que a compaixão possa coexistir com a bem-aventurança eterna.

À compaixão de Deus, que equivaleria à kénosis amorosa da Trindade, a patrística enfatiza a deificação (*theosis*) do ser humano, afirmando, com Santo Atanásio de Alexandria no tratado sobre a Encarnação do Verbo (54,3), que o Verbo de Deus se fez carne para que o homem seja feito Deus.¹⁴ A verdadeira humanização, portanto, atinge seu cume na deificação da pessoa, no seu acesso à Trindade. A *theosis*, ou seja, a participação na divindade (2Pe 1.4), é a verdadeira e suprema humanização. Cristo

¹¹ Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 16.

¹² Cf. WARE, Kallistos. *Apatheia*. In: WAKEFIELD, Gordon S. (Ed.). *The Westminster Dictionary of Christian Spirituality*. Philadelphia: The Westminster Press, 1983. p. 18-19. *Apatheia* significa “não sofrimento”, isto é, Deus não sofre como uma criatura. *Apatheia* é oposto de *pathos* (sofrimento imposto, comum às criaturas sensíveis: seres humanos e animais). O “sofrimento” em Deus não é do mesmo tipo daquele que afeta a criatura, que é o padecimento (*pathos*), mas o sofrimento próprio de quem ama, que é o compadecer (*sympatheo*).

¹³ AUGUSTINE, Saint. *Expositions of the Psalms 51-72*. Part III / 17. Translation and notes by Maria Boulding, OSB. New York: New City Press, 2001. p. 60.

¹⁴ Cf. ADEN, Ross. Justification and Divinization. *Dialog: a Journal of Theology*, St. Paul (Minnesota), v. 32, p. 102-107, 1993.

ressuscitado é o humano pleno. Viver a vida de Cristo é viver a sublime vocação da humanidade, sentido da existência humana, esperança em todo sofrimento.

Criado à imagem e à semelhança de Deus, o ser humano é convidado à comunhão com a vida divina como única possibilidade de saciar plenamente suas aspirações mais profundas, que nada mais são do que a sede de Deus. Quanto mais profundamente Jesus Cristo desceu em sua participação na miséria humana, tanto mais alto o ser humano se eleva na participação em sua vida divina.¹⁵ A deificação não atinge plenamente seu fruto senão na visão do Deus trinitário que comporta a bem-aventurança na comunhão dos santos. A deificação, portanto, nunca será uma conquista humana. É graça de Deus, somos filhos no Filho.

Pistas pastorais e considerações finais

A leitura do texto de Jó chama-nos à consciência, em primeiro lugar, que o núcleo da teologia está fora dela mesma, de seus manuais e de seus sistemas. Seu centro não pode ser outro senão o anúncio de Jesus Cristo e o projeto de Deus para a salvação da humanidade. Aprendemos com o livro de Jó que não se deve acusar o sofredor de ser responsável pelo que lhe acontece como castigo por algum pecado que cometeu ou, como geralmente se faz na atualidade, acusá-lo de não ter fé suficiente para obter a bênção.

Quando o aconselhamento pastoral se resume a convencer o sofredor que suas angústias são consequências do pecado, da culpa ou da falta de fé, significa que o conselheiro está mais preocupado em fazer apologia de uma suposta doutrina cristã que em solidarizar-se com o sofredor. O mistério do sofrimento, um dos aspectos mais impressionantes da realidade, deve ser considerado na prática do aconselhamento pastoral sem a preocupação de se oferecer uma resposta ao sofredor, mas antes de tudo como exercício de solidariedade por parte de quem aconselha. O aconselhamento deverá envolver oração pelo sofredor para que se mantenha fiel a Deus naquele momento difícil; sem acusações, e sim com palavras de consolo que brotem da compaixão e não de resposta abstratas preestabelecidas. Devemos aprender com o livro de Jó que o papel de quem aconselha não é explicar o sofrimento ou dar-lhe uma solução, mas favorecer uma experiência com o amor de um Deus rico em compaixão.

O aconselhamento pastoral deve favorecer uma anamnese para que a pessoa que está sofrendo traga à memória a ação divina em diversas situações de sua vida, para que no momento da crise existencial se possam encontrar, na recordação do passado, os momentos de graça e de conversão que lhe deem forças para continuar sendo fiel. O sofrimento também é perpassado pela graça, pois Deus mesmo é solidário com as vítimas, já que Cristo vivenciou concretamente essa realidade, como tão bem nos apresenta o hino da *kénosis* na Carta aos Filipenses.

¹⁵ TOLLEFSEN, Torstein Theodor. *The Christocentric Cosmology of St Maximus the Confessor*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 191.

O livro de Jó mostra-nos que a teologia prática é o eco do grito do sofredor. A teologia prática deve-se preocupar com o aconselhamento pastoral para que ele não seja um discurso abstrato, mas solidariedade, compadecimento, inserção. Porque as situações drásticas da vida, o silêncio reverente ao mistério de Deus são mais loquazes que muitas palavras e fazem muito mais sentido na vida de um sofredor.¹⁶

Na atualidade, apesar de a ideologia da pós-modernidade nos iludir sobre a brevidade dos sentimentos e sobre a fugacidade das experiências existenciais, há um número inexprimível de sofredores, que à maneira de Jó anseiam por uma resposta para suas dores e por um sentido que preencha seu vazio existencial. Essa situação questiona a prática do aconselhamento pastoral baseada na valorização de dons e de fenômenos extraordinários, arraigada na desvalorização do compromisso e no anúncio de um Deus que privilegia ricos, poderosos, iluminados, eruditos e abençoados.¹⁷ Questiona um aconselhamento pastoral que supervaloriza mediadores e mediações como *correntes, campanhas e promessas* com as quais se espera alcançar o favor divino, semelhante aos mitos das antigas civilizações.

No início do livro de Jó, a sabedoria (representada pelos amigos) senta-se no chão, ao lado do sofredor e o contempla. Esse gesto é um convite para que a teologia prática se engaje realmente numa práxis verdadeiramente cristã e abandone o seu pedestal de saber, solidarizando-se com o sofredor. Quando a dor for consequência da injustiça, a teologia será profecia, instrumento do Reino e de vida plena. Mas nem sempre é possível conhecer as causas do sofrimento, pois este mundo é mercado pelo mistério da iniquidade. A teologia não terá como sua principal preocupação dar uma explicação para o sofrimento, para a dor e para o mal que atinge as pessoas, como também o livro de Jó não traz essa resposta. A reflexão teológica estará, antes de tudo, empenhada em motivar aqueles que ministram o aconselhamento pastoral para que sejam ministros da misericórdia em favor dos crucificados deste mundo, que os ajudem a readquirir a esperança e a se manter fiéis mesmo em situações de sofrimento, encontrando na *kénosis* divina e na *theosis* humana o sentido que transcende a existência.

O aconselhamento pastoral será um convite para que todo sofredor saia da órbita de seus problemas, descentralize de suas angústias e faça aquela abertura *kenótica* que possibilita o encontro com o Deus compassivo revelado no mistério de Cristo. Portanto a teologia de hoje, ao focar mais a compaixão de Deus do que a *apatheia* divina, preocupa-se mais com o ser humano e menos com os manuais de dogmática. A teologia prática necessita exercer mais o *intellectus amoris* e o *intellectus misericordiae*¹⁸ do que dar explicações sobre as causas ontológicas do mal e do sofrimento.

¹⁶ Cf. RAHNER, Karl. *L'Homme à l'écoute du verbe: fondements d'une philosophie de la religion*. Paris: Mame, 1968. p. 69-89 e 131-149.

¹⁷ Cf. ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado. Ensayo de soteriología histórica. In: ASSMANN, H. et al. *Cruz y resurrección: presencia y anuncio de una iglesia nueva*. México: CRT; Zalapa, 1978. p. 49-82.

¹⁸ Cf. SOBRINO, Jon. ¿Cómo hacer teología? La teología como intellectus amoris. *Sal Terrae*, Santander, v. 910, p. 397-441, 1989.

Uma teologia que não está do lado dos sofredores é forjada artificialmente, é um artefato, um ídolo que não nos leva a Deus. É semelhante à teologia *dos amigos* de Jó, que no final do livro necessitaram retratar-se porque não falaram corretamente sobre Deus (Jó 42.7-9).

Nem Deus nem a vida humana com suas limitações devem se adequar ao discurso teológico, ao contrário, a reflexão teológica é que deve surgir das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias do ser humano de hoje, pois essas são “também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (*Gaudium et spes*, 1)¹⁹.

Um aconselhamento pastoral embasado numa teologia desse quilate proporcionará ao sofredor que busca ajuda no aconselhamento uma verdadeira experiência de Deus. A teologia será não unicamente uma palavra para o clamor do sofredor, mas, antes, o **eco** do grito angustiado de quem vive uma situação fronteiriça da vida. Isso exige do teólogo e de quem ministra o aconselhamento uma conversão contínua e sempre inacabada.

Referências

- ADEN, Ross. Justification and Divinization. *Dialog: a Journal of Theology*, St. Paul (Minnesota), v. 32, p. 102-107, 1993.
- AUGUSTINE, Saint. *Expositions of the Psalms 51-72*. Part III / 17. Translation and notes by Maria Boulding, OSB. New York: New City Press, 2001.
- BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2005. Tomo I.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado: Ensayo de soteriología histórica. In: ASSMANN, H. et. al. *Cruz y resurrección: presencia y anuncio de una iglesia nueva*. México: CRT; Zalapa, 1978. p. 49-82.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OSORIO HERRERA, Bayron L. Kénosis y Donación: la Kénosis como atributo divino. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 41, n. 96, p. 347-376, 2014.
- PIXLEY, J. Jó ou o diálogo sobre a razão teológica. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 16, n. 40, p. 333-343, 1984.
- RAHNER, Karl. *L'Homme à l'écoute du verbe: fondements d'une philosophie de la religion*. Paris: Mame, 1968.
- ROSSI, Luiz A. Solano. *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*. São Paulo: Paulus, 2005.
- SOBRINO, Jon. ¿Cómo hacer teología? La teología como intellectus amoris. *Sal Terrae*, Santander, v. 910, p. 397-441, 1989.

¹⁹ *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLLEFSEN, Torstein Theodor. *The Christocentric Cosmology of St Maximus the Confessor*. New York: Oxford University Press, 2008.

XAVIER, Donizete J. *A teologia da Santíssima Trindade: a kénosis das Pessoas Divinas como manifestação do Amor e da Misericórdia*. São Paulo: Palavra e Prece, 2005.

WAKEFIELD, Gordon S. (Ed.). *The Westminster Dictionary of Christian Spirituality*. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.